

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO PARA A ALFABETIZAÇÃO ANOS INICIAIS

THE IMPORTANCE OF DRAWING FOR THE LITERACY INITIAL YEARS

Karina Silva Dantas¹, Márcia Prado Castro²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a prática do professor na organização do processo ensino-aprendizagem numa sala de aula com alunos do ensino regular nos anos iniciais. O presente estudo surgiu a partir da falta de conhecimento aprofundado e valorização dos professores que trabalham nos anos iniciais da educação, em relação ao desenho da criança. O desenho é uma etapa extremamente necessária para a aquisição e a compreensão da língua escrita, entretanto, não é somente nesse âmbito que as representações têm influência, uma vez que também atua no desenvolvimento global da criança. Por isso, realizou-se um levantamento teórico no qual alguns autores foram essenciais para embasar este trabalho. Desenhar é uma necessidade para a criança, assim como comer e dormir, se for podada ou somente reproduzir o adulto e não usar de sua criatividade, haverá falhas em sua personalidade futura, como a dificuldade de expressão oral e escrita, inibição, dificuldades psicomotoras etc. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Concluiu-se que há a necessidade de um melhor entendimento sobre o desenho infantil, pois permite a compreensão de que é essencial a sua utilização em práticas pedagógicas direcionadas e mediadas, a fim de contribuir para o desenvolvimento da criança, não usando o desenho como um passatempo ou somente reprodução, mas sim como uma produção própria da criança.

Palavras Chave: Desenho Infantil, Desenvolvimento da criança, Alfabetização.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the teacher's practice in organizing the teaching and learning process in a classroom with regular school students in the early years. The present study emerged from the lack of in-depth knowledge and appreciation of teachers working in the early years of education, in relation to the teaching of the child. Drawing is an extremely necessary step for acquiring and understanding written language, However, it is not only in this context that the representations have influence, since it also acts in the overall development of the child. Therefore, a theoretical survey was carried out in which some authors were essential to support this work. Drawing is a necessity for the child, as well as eating and sleeping, if pruned or only reproduce the adult and not use his creativity, there will be flaws in his future personality, such as difficulty in speaking and writing, inhibition, psychomotor difficulties etc. The methodology used was the bibliographical research. It is concluded that there is a need for a better understanding of children's design, since it allows the understanding that its use is essential in directed and mediated pedagogical practices, in order to contribute to the child's development, not using drawing as a hobby or just reproduction, but rather as a child's own production.

Keywords: *Childish Drawing, Child Development, Literacy.*

1 Faculdade Sumaré, CEI Ângela Maria Fernandes

2 Faculdades Integradas Campos Salles

1. INTRODUÇÃO

As crianças, desde muito cedo entram em contato com desenho. Elas são ensinadas por seus pais, amigos e familiares os seus primeiros traços, os primeiros rabiscos e, ao longo dos anos vão desenvolvendo e aperfeiçoando seus desenhos. A princípio o desenho é usado por elas como uma forma de distração, de imaginar o mundo que a cerca, uma brincadeira livre onde ela é apta para inventar, criar situações, e também é através dele que, mesmo inconscientemente, elas expressam muitas vezes seus sentimentos ocultos, aqueles que por muitas vezes elas não sabem expressar através de palavras.

Entende-se que o desenho é uma arma poderosa para a aprendizagem. Sabe-se que o lúdico nos anos iniciais é de grande valia, pois é na brincadeira que acontecem as interações entre os pares, e é por meio dela que o aluno aprende de forma significativa e interioriza os conhecimentos, pois o mesmo consegue expressar nesse momento sua criatividade, imaginação, percebendo o mundo que o cerca ficando ao adulto a missão de mediador. Sendo assim, este artigo tem como propósito pesquisar este tema pela sua relevância nesta fase de aprendizado e desenvolvimento da criança.

Verificou-se nos anos iniciais de ensino de que forma o desenho é usado pelos docentes, averiguou-se se estes estão utilizando deste instrumento para uma aprendizagem significativa, algo que não somente esteja sendo utilizado para diversão e/ou distração da criança, mas como instrumento de desenvolvimento cognitivo no ensino e na aprendizagem. Propõe-se através deste estudo, reconsiderar a concepção acerca de desenho pedagógico, como ele é aproveitado no momento da organização de atividades, para verificar uma possibilidade de intervenção.

Com este estudo, espera-se contribuir para uma melhor utilização deste recurso na escola, isto é, para uma melhoria na prática docente, sendo mais pedagógica e direcionada.

A metodologia utilizada no presente estudo encaminhou-se para a revisão de literatura e, para este fim, utilizou-se de livros e das publicações de artigos e referências importantes na área educativa, principalmente nas metodologias de ensino, sob uma forma de abordagem que buscou verificar uma possibilidade de intervenção, levando em consideração uma pesquisa-ação, ou seja, pensando em todos os envolvidos, com o intuito de propor um outro olhar para o desenho infantil, procurando mudar a concepção docente com relação à sua prática de utilização do desenho, uma forma que contribua positivamente para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional, perceptivo e motor infantil.

Os professores, em sua maioria, acreditam que o desenho não é importante e por causa disso, não planejam o trabalho envolvendo ele na sala de aula, apenas usam como forma de passar o tempo na aula. Porém, o desenho infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança, desde que seja usada a criatividade e sem imposições e intervenções ou críticas, pois caso contrário, a criança irá traçar à partir de cópias com o único objetivo de agradar o professor ou deixará de desenhar.

Dependendo de como é desenvolvido o trabalho pedagógico, pode ser extremamente enriquecedor, porque a criança pode ser estimulada, sensibilizada a ver e pensar suas produções gráficas, mas se o trabalho do pedagogo for sem propósito, pode ser extremamente empobrecedor para

a criança e sua experiência em desenhar, impactando respectivamente em seu desenvolvimento social e motor.

Diante do exposto, é necessário repensar sobre a postura de alguns profissionais de educação que consideram o desenho realizado por uma criança como uma atividade que não tem muito valor. Entretanto, ressalta-se que o desenho infantil não pode ser considerado como uma atividade para passar o tempo destituído de significados, mas como uma linguagem peculiar à criança, que faz parte do desenvolvimento da sua infância. É importante compreender que é através do desenho que a criança pode se expressar, comunicar e atribuir sentido aos seus sentimentos, pensamentos e sensações.

Independente do estágio que a criança esteja, a visão do adulto deve ser pautada em uma postura de apoio e incentivo, sem exigir da criança aquilo que ela não consegue ou não quer desenhar. Os processos gráficos devem ser permeados por momentos de prazer e satisfação e não de cobranças e expectativas.

Por este motivo, cabe ao professor conhecer essas etapas do desenho e a relação delas com o desenvolvimento da criança, para que dessa forma trabalhem a educação artística de forma consciente e interdisciplinar, com a leitura de diversas obras de artes e desenhos que façam observações de cenas, objetos, pessoas, paisagens, obras de todo tipo, com o intuito de sensibilizá-las e enriquecê-las de conhecimento para que explorem mais e criem mais.

Percebe-se essa falta de sensibilidade da parte do professor, que usa o desenho apenas para concluir um projeto, um planejamento, como se fosse um modo de mostrar a aprendizagem da criança, mas o desenho é o primeiro meio onde a criança expressa o que sente, o que vê, o que vive, sua história, e é por isso que antes de falar da importância desses registros, é necessário falar da evolução do desenho da criança, a partir de fundamentação teórica de diversos autores.

Com este estudo, procurou-se contribuir para uma melhor utilização deste recurso na escola, ou seja, para uma melhoria na prática docente, sendo mais pedagógica com relação ao desenho infantil, uma vez que trata-se de uma necessidade básica. Buscou-se entender as consequências trazidas na vida da criança quando é podada e instruída a copiar e seguir padrões, se revela falhas em sua personalidade, em sua maneira de se expressar, de se movimentar, enfim, verificar se há relevância e importância na capacitação dos professores nesse eixo para uma abordagem pedagógica melhor direcionada aos alunos.

2. O DESENHO COMO LINGUAGEM

O desenho aparece muito antes da entrada da criança na escola, mas o fato é que há uma mudança qualitativa no grafismo a partir do seu ingresso neste novo universo. Se até então a influência do outro poderia ser sutil - ou não -, agora há uma preocupação mais formalizada em relação à produção gráfica. A escolarização tanto pode oferecer amplas oportunidades de desenvolver, ampliar e modificar o repertório gráfico da criança, quanto de abafá-lo e/ou prejudicá-lo. (SILVA, 1998, p.4).

A chegada de um novo membro da família, sempre causa grande expectativa, afinal a família será encarregada de cuidar e proteger este ser que acaba de chegar. Aos poucos a criança vai crescendo, e durante este processo ela vai adquirindo novas aprendizagens e dando significado ao mundo que a cerca.

Desde muito cedo a criança entra em contato com o desenho, seus familiares, amigos, e até mesmo pessoas em seu entorno vão auxiliando a criança em seus primeiros desenhos. Ela se expressa através do desenho e é também por ele que mostra o seu desenvolvimento global, ou seja, o seu envolvimento afetivo-emocional, intelectual, perceptivo e motor. O desenho desenvolve os meios com que a criança se comunica com o outro e com o meio em que vive, é uma forma de expressar seus sentimentos e percepção de mundo.

A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 1987, p.20).

Ou seja, o desenvolvimento intelectual e linguagem oral estão diretamente relacionados ao desenvolvimento do grafismo, isto é, a garatuja corresponde ao nível do balbúcio. Portanto, quanto mais desenvolvida for a linguagem oral da criança, mais o desenho aparecerá, pois sentimentos e pensamentos estão juntos.

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, ela vê os traços surgirem no papel e depois não acontecerem quando a mão dela para. Com o tempo, a criança compreende que para se comunicar com o outro, ela deve usar símbolos específicos e deixar de criar sua própria maneira de representação, pois se continuar a “inventar” não será compreendida, por isso, passa a imitar a escrita do adulto. Além disso, a criança desenvolve sua coordenação motora quando repete diversas vezes os traços com o intuito de representar um objeto da maneira mais parecida possível.

De acordo com Derdyk (2003), a criança é um ser global, mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala, ou seja, o desenho pode ser considerado o sinal da escrita, ou seja, está ligado diretamente ao processo de alfabetização. Na garatuja, a criança apenas sente prazer em passar o lápis, giz ou que quer que seja, no papel, por conta do movimento de sua mão e por conta dos movimentos ritmados que a criança passa a produzir, assim transformam-se em formas mais definidas, podendo ser um objeto concreto que a criança vê ou algo imaginário, abstrato. Essa evolução não se dá somente no papel, como também na parede, na areia ou qualquer outra superfície, pois a criança quer produzir, quer mostrar o que conhece e sabe sobre o mundo, sua imaginação, o que sente e o que pensa.

Desde a pré-história que os homens “(...) tinham a mesma necessidade que nós de comunicar o que estavam pensando e sentindo. Devem ter feito isso de várias formas. Uma delas foi desenhando e pintando” (ZATZ, 2002, p.16).

Da mesma forma que o desenho se constitui como forma de expressão para as civilizações primitivas, ele continua sendo a primeira manifestação gráfica da criança. Ao desenhar, a criança

registra as suas marcas, suas alegrias, suas descobertas, suas fantasias, tristezas e também escreve o mundo à sua maneira.

Quando se pensa no desenho infantil, é preciso ter em mente que, para a criança, o desenho é um meio de expressão.

O desenho é uma produção cultural e como tal, deve ser valorizada e trabalhada com os alunos para que se expressem em sentimentos e pensamentos.

Nos anos iniciais, compreende-se o grafismo como uma maneira das crianças se expressarem, ou seja, o desenho torna-se a sua voz, a sua capacidade de dialogar consigo mesma e com aqueles à sua volta, revelando então, intencionalidade, significado.

Além disso, também facilita o desenvolvimento sensório-motor, uma vez que a partir de insistentes tentativas otimiza seus traços com o objetivo de conseguir reproduzir um objeto semelhante ao original.

O desenho é um componente muito importante no desenvolvimento, já que se trata de uma das principais formas de expressão em sua infância.

À medida em que a criança cresce, percebe-se mudanças em seus desenhos, isto é, a criança apresenta características peculiares e diferentes em seus desenhos em cada idade, cada fase, mostrando sua individualidade.

Conforme as leituras de diversos autores que falam sobre o assunto, cada desenho tem determinada fase, porém cada criança tem uma cultura que se altera de acordo com a sua realidade, ou seja, uma criança não nasce sabendo desenhar, mas interage com os objetos que lhes são apresentados e suas estruturas mentais que definem como serão suas interpretações e representações.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1997), é importante abordar o ensino de arte no currículo escolar porque favorece o pensamento artístico e a percepção estética, desenvolve a imaginação e a sensibilidade do educando, desta forma, ele irá se relacionar com maior facilidade, vai conhecer outras culturas e desconstruir preconceitos e sua percepção do ambiente será maior, desenvolvendo cada vez mais seus sentidos, pois a arte solicita o uso da visão, da audição, enfim, de todos os sentidos para melhor compreensão dos fatos e da arte.

A criança projeta no desenho o que vê, o que vive, o que sente, o que quer expressar, o que sente prazer, mas depois que passa pela alfabetização, nota-se um empobrecimento desses traços, pois a escrita desempenha uma fascinação na criança antes mesmo dela traçar os verdadeiros signos. Desde nova, ela tenta copiar a escrita dos adultos, quanto mais a criança puder representar e transcrever no papel o que sente, o que pensa, o que vê, o que imagina, mais ela estará preparada para se apropriar do sistema de escrita. Se a criança não tem muita experiência nessa parte, consequentemente afetará seu desenvolvimento na escrita, que acarretará em problemas no futuro.

Aprender a se expressar através do desenho e manter essa aprendizagem contribui nas escolhas de vida do sujeito, determinando até mesmo estilos de vida adulta, assim como pintores, professores de arte, tatuadores, enfim, esses que encontram o grafismo como um meio saudável de

se expressar. O desenho é uma ótima forma de conhecer o sujeito em sua integridade, o que envolve seus medos, desejos, curiosidades, saberes e tudo aquilo que dele faz parte.

A escola, em algumas situações antecipa o processo de alfabetização justamente por causa da exigência feita pela sociedade que é inserir as crianças cada vez mais cedo no mundo letrado. Daí a escola preenche todo o tempo da criança com atividades que não valorizam as diversas formas de expressão já construídas e vivenciadas ao longo de suas experiências (MOREIRA, 1987, p.20).

O desenhar é um dos estágios preparatórios para o desenvolvimento da escrita da criança, por isso, não se deve pular esta etapa tão importante.

Considerando que o desenho antecede o sistema de escrita, acredita-se que a prática pedagógica poderia utilizar o desenho de forma mais proveitosa ao levar em conta que esse recurso contribui para seu desenvolvimento afetivo-emocional, intelectual, perceptivo e motor, enfim, o desenho pode ser também um estágio preparatório, pois passar desenhos prontos empobrece a aprendizagem dos alunos, que deixam de usar sua criatividade para focar nos modelos que lhes são apresentados.

Pensando no desenvolvimento infantil, entende-se que os professores fazem parte dessa importante etapa, porém estão deixando de prestar atenção nessa fase de grande importância, que é a do desenho, onde a criança representa simbolicamente o que está sentindo, o que conhece o que quer dizer com palavras, mas só consegue dizer através de grafismos.

Os professores, em sua maioria, acreditam que o desenho não é importante e por causa disso, não planejam o trabalho envolvendo ele na sala de aula, apenas usam como forma de passar o tempo na aula. Porém, o desenho infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança, desde que seja usada a criatividade e sem imposições e intervenções ou críticas, pois caso contrário, a criança irá traçar à partir de cópias com o único objetivo de agradar o professor ou deixará de desenhar.

Dependendo de como é desenvolvido o trabalho pedagógico, pode ser extremamente enriquecedor, porque a criança pode ser estimulada, sensibilizada a ver e pensar suas produções gráficas, mas se o trabalho do pedagogo for sem propósito, pode ser extremamente empobrecedor para a criança e sua aptidão de desenhar, impactando respectivamente em seu desenvolvimento social e motor.

Diante do exposto, é necessário repensar sobre a postura de alguns profissionais de educação que consideram o desenho realizado por uma criança como uma atividade que não tem muito valor. Entretanto, ressalta-se que o desenho infantil não pode ser considerado como uma atividade para passar o tempo destituído de significados, mas como uma linguagem peculiar à criança, que faz parte do desenvolvimento da sua infância. É importante compreender que é através do desenho que a criança pode se expressar, comunicar e atribuir sentido aos seus sentimentos, pensamentos e sensações.

Independente do estágio que a criança esteja, a visão do adulto deve ser pautada em uma postura de apoio e incentivo, sem exigir da criança aquilo que ela não consegue ou não quer de-

senhar. Os processos gráficos devem ser permeados por momentos de prazer e satisfação e não de cobranças e expectativas.

Por este motivo, cabe ao professor conhecer essas etapas do desenho e a relação para com o desenvolvimento da criança, para que dessa forma trabalhem a educação artística de forma consciente e interdisciplinar, com a leitura de diversas obras de artes e desenhos que façam observações de cenas, objetos, pessoas, paisagens, obras de todo tipo, com o intuito de sensibilizá-las e enriquecê-las de conhecimento para que explorem mais e criem mais.

Percebe-se essa falta de sensibilidade da parte do professor, que usa o desenho apenas para finalizar um projeto, um planejamento, como se fosse um modo de mostrar a aprendizagem da criança, mas o desenho é o primeiro meio onde a criança expressa o que sente, o que vê, o que vive, sua história, e é por isso que antes de falar da importância desses registros, precisamos falar da evolução do desenho da criança, a partir de fundamentação teórica de diversos autores.

Percebe-se que a nomenclatura utilizada pelos autores é diferente, sendo etapas, fases, estágios, movimentos, enfim, porém todos entram em concordância quanto a evolução, seu desenvolvimento como ser humano caminha junto com seu desenvolvimento no desenho. Sendo assim, algumas classificações foram elaboradas por diversos teóricos para nomear as etapas e os estágios evolutivos do desenho infantil, tendo como base os aspectos sociais, culturais e psicológicos das crianças.

Luquet (1969) foi um dos primeiros estudiosos a se dedicar ao estudo do desenho da criança, no que se refere a sua evolução cognitiva. O termo realismo é utilizado porque a criança, ao desenhar, tem a intenção de representar fielmente um objeto que ela vê, detalhes que muitas vezes são imperceptíveis aos olhos de um adulto.

Luquet (1969) destaca que o desenho da criança está relacionado às experiências vividas, não acontecidas imediatamente e também ao meio em que vive, além disso, os traços passam por estágios de aperfeiçoamento e mudam suas características iniciais, classificando assim, quatro estágios de desenvolvimento do desenho: realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e realismo visual.

1. Realismo Fortuito (2 anos) a criança realiza um traçado que se assemelha com um objeto, mas esta semelhança é involuntária. A criança desenha por imitação ao adulto e repete o desenho por prazer, depois desse fazer involuntário, a criança passa a ter intencionalidade em seu grafismo, pois descobre por caso que seu traçado tem semelhança com o objeto, por isso, passa a nomear os desenhos;
2. Realismo Falhado ou Realismo Fracassado (3-4 anos) é o início da reprodução de formas e até mesmo da figura humana. A criança percebe todos os detalhes, mas não consegue executar, ou seja, não consegue desenhá-los, isso é chamado de incapacidade sintética. O realismo falhado corresponde à fase em que os desenhos têm falta de proporção, pois a criança ainda não sabe limitar e dirigir seus movimentos como queria, devido seu desenvolvimento psíquico sobre atenção, logo, quanto mais desenvolve sua capacidade de atenção, mais ordenados serão seus desenhos.

3. Realismo Intelectual (4 aos 10-12 anos) a criança desenha imagens mais elaboradas, mas com detalhes que fogem da realidade, a criança supera a incapacidade sintética e desenha aquilo que vê e o que não vê, por exemplo, um bebê na barriga da mãe, o corpo por baixo da roupa, o tronco atrás da casa, onde se vê somente a copa.
4. Realismo Visual (próximo os 12 anos, às vezes antecipa entre 8-9 anos) é quando não tem mais a transparência e o desenho tem mais fidelidade ao elemento ou cena real, a criança substitui seus processos de desenho pela perspectiva, o que caracteriza o desenho na fase adulta. É fase onde ocorre o empobrecimento do grafismo.

Mèredieu (2006), não concorda com Luquet, pois afirma que sua análise é insuficiente com relação às explicações, não explica o motivo do desenho desaparecer, a mudança de um estágio para o outro e nem o nascimento da representação figurativa, ou seja, há muitas lacunas para serem preenchidas, pois ele considera as fases como se fossem isoladas, parecendo que a criança não tem mudanças. Segundo Mèredieu (2006), ao desenhar, primeiro a criança desenha pelo prazer de movimentar-se ao desenhar, isto é, não com a intenção de criar um desenho, mas pela sensação de mexer o braço, a mão, enfim, algo motor, para depois disso, sentir o prazer no seu traçado, na sua maneira de expressar simbolicamente aquilo que não consegue expressar na fala e na escrita.

Por isso, Mèredieu (2006), apresenta três fases do desenho:

1. Estágio Vegetativo Motor (18 meses), a criança rabisca por prazer sem tirar o lápis do papel, seus traçados são circulares/ arredondados, convexos ou alongados;
2. Estágio Representativo (2 a 3 anos), a criança já faz o levantamento do lápis e tenta produzir objetos e comentários verbais no desenho;
3. Estágio Comunicativo (3 e 4 anos), começa a imitação da escrita do adulto, ou seja, as garatujas.

Diante da importância do processo de alfabetização na vida social da criança, “verifica-se quase sempre uma diminuição da produção gráfica, já que a escrita – matéria considerada mais séria - passa então a ser concorrente do desenho” (MÈREDIEU, 2006, p.11).

De acordo com o autor Mèredieu (2006), a concorrência aqui mencionada está relacionada ao processo de inibição do desenvolvimento gráfico infantil, esta redução se dá devido às técnicas utilizadas para alfabetizar a criança. Observa-se que, em alguns casos, a criança encontra-se pressionada e desestimulada, por causa do mecanicismo das atividades desenvolvidas neste processo de alfabetização.

Lowenfeld (1976), defende que as crianças incluem em seus desenhos as coisas que elas conhecem e que são importantes para elas. É no desenho que elas vão expressar preferências e também aquilo que as desagrada e as suas reações emocionais ao mundo em que vivem, por isso, os adultos não devem interferir no momento da arte infantil fazendo perguntas sobre o que ela está desenhando e tentar ensinar, porque isso pode inibir a criança de se desenvolver livremente e pode até fazer com que elimine uma etapa do seu desenvolvimento.

Lowenfeld (1976), ainda aponta que é importante deixar que a criança se descubra sozinha, pois o ato de controlar a própria linha lhe traz confiança em si mesma, o que é muito importante para sua formação saudável, inclusive para realização de outras ações. Portanto, se um adulto tiver a intenção de ajudar a criança, a maneira correta de fazer isso seria ajudando-a a se tornar cada vez mais sensível a sua própria experiência, e para tal, seria necessário motivá-la em sua expressão artística. Ao desenhar, a criança revela “parte de si própria: como pensa, como sente e como vê” (LOWENFELD, 1976).

Viktor Lowenfeld (1976) relaciona quatro estágios do desenho:

1. Rabiscção Desordenada ou Garatuja (2 a 4 anos), a criança desenha sem intenção nenhuma de escrever ou desenhar, apenas sente prazer nisso.

Em torno dos 3 anos, dentro desse mesmo estágio, tem a Rabiscção Longitudinal, onde há aparição de bolinhas, cruces, quadrados;

Em torno dos 5 anos, há também a Rabiscção, a criança passa a dar nomes aos desenhos e usa a sua imaginação e os fatos de sua vida, cria a figura humana ainda sem tronco, pois a cabeça (serve para pensar), os braços (servem para abraçar) e pernas (servem para caminhar) são os traços mais importantes;

2. Figuração Pré-Esquemática (4 a 7 anos), a criança relaciona os desenhos com sua realidade, porém não distingue os tamanhos, apresentando exageros e omissões, além da escolha de cores, que é relacionada com o emocional, lhe dão prazer e afetividade, seus traços são linhas, círculos e formas ovais para representação do corpo humano e outras coisas;
3. Figuração Esquemática (7 a 9 anos), a criança já tem controle espacial e não procura desenhar com os elementos reais do dia-a-dia, nem copiá-los, mas faz referência sociocultural, ou seja, desenha coisas com sentido, que têm relação com sua cultura, com figuras geométricas e desenhos com transparência em casa, carros, prédios, etc;
4. Figuração Realista (9 a 12 anos), a criança já consegue distinguir os tamanhos dos objetos, está mais detalhista, distingue sexos da figura humana, compreende que o que está na frente é maior do que o que está atrás. Nessa última fase da infância, a criança já faz cópias para desenhar, e quando nota que não consegue fazer igual, acaba desistindo por se sentir decepcionada e impotente.

Nesta fase, é essencial que o professor incentive o seu aluno a não desistir, caso contrário, seus desenhos criativos acabarão e o fazer artístico passará a ser meras cópias adultas como vemos hoje em dia.

Para Luquet (1969) e Lowenfeld (1976), os estágios não são caracterizados pela faixa etária e sim pelas interações com o objeto de conhecimento, isto é, quanto mais se relacionarem com o mundo ao seu redor, mais evoluirão em seus desenhos.

Vygotsky (1988) acredita que é necessária a interferência do outro para um bom desenvolvimento, esse pensamento se opõe a Lowenfeld (1976). Segundo Lev Vigostky (1988) a criança apren-

de na interação, e é preciso ter a mediação de um adulto nesse processo. O adulto como um ser mais experiente, ensina as crianças os primeiros comandos, tais como a fala, o caminhar entre outros, e elas vão internalizando, e se apropriando desse novo conhecimento criando independência e autonomia.

Vygotsky (1988) evidencia que o desenho produzido pela criança é o registro do gesto, que remete ao processo de representação, no qual a criança entende a possibilidade de mostrar graficamente o que se vê e o que se fala, configurando o desenho como antecessor da escrita.

Para Lev Vygotsky (1988), a criança reflete o objeto a partir do que imagina ou vê e também precisa falar/ler o que está manifestando no papel, isto é, há uma relação entre objeto e fala.

Depois dessa etapa, a criança realiza a tentativa de escrita em função da memória, sem a presença do que está sendo representado. Vygotsky (1988) aponta para fato de que os sistemas de signos para escrita e leitura são complexos, por isso, é necessário trabalhar o simbolismo de primeira ordem, isto é, o desenho, para depois de construir significação dos objetos desenhados, a criança passa a desempenhar o pensamento abstrato, que dará estrutura na aprendizagem da língua escrita e outros conjuntos de signos.

Neste sentido, Vygotsky (1988) afirma que: “[...] desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. Assim sendo, os jogos, os brinquedos, os desenhos e a escrita permitem a formação da função simbólica, que é de extrema importância na aprendizagem e o convívio com o outro, motivando no desenvolvimento, expandindo suas funções psicológicas e as múltiplas linguagens, no qual o desenho é incluído.

Luquet (1969), Mèredieu (2006) e Lowenfeld (1976) convergem em suas abordagens, mas apresentam uma ideia comum ao pedir o mínimo de interferência do adulto no processo de evolução do desenho infantil, ao contrário de Vygotsky (1988), que em sua abordagem discorre que o desenvolvimento só acontece com a presença de um adulto, que é fundamental para a conquista de novas aprendizagens, ou seja, quando a criança diz que não sabe desenhar algo e pede ajuda a um adulto.

Segundo Piaget (1976) em seus estudos sobre os estágios do desenvolvimento infantil, as crianças desenharam o que elas sabem, nem sempre aquilo que elas vêem. Segundo ele a criança na fase de 0 a 2 anos, a fase sensório motora, a criança inicia a construção do seu desenho a princípio sem uma forma definida, pois as crianças ainda não têm noção de espacialidade, forma ou técnicas de desenho, elas fazem rabiscos aleatórios, que acreditam e atribuem algum significado. Este tipo de atividade proporciona à criança uma grande sensação de prazer, pois em seu rabisco está contida sua expressão, ela não está preocupada a princípio com o que os outros irão pensar sobre seu desenho, ela apenas desenha.

Jean Piaget (1976) acredita que as crianças passam por 5 fases do desenho:

1. Garatuja (de 0 a 7 anos)

Garatuja Desordenada, na fase Sensório-Motora (0 a 2 anos), a criança não se preocupa com o desenho, apenas desenha diversas vezes no mesmo lugar.

Garatuja ordenada, na fase Pré-Operatória (2 a 7 anos), a criança desenha traços mais distantes e circulares e o desenho pode iniciar com algo e terminar como outra coisa;

2. Pré-Esquematismo, ainda na fase Pré-Operatória (2 a 7 anos), a criança desenha pelo prazer de abaixar e levantar o lápis, conseguindo traços mais diversificados e ricos, nesta fase que surge por imitação da escrita adulta, também surge o homem com vários tentáculos em seu corpo, as cores são emoções;
3. Esquematismo, na fase das Operações Concretas (7 a 10 anos), as cores têm relação com o objeto, há exagero e omissão no desenho humano, transparência e sua noção espacial melhora;
4. Realismo, no final das operações concretas, a criança difere o sexo pelas roupas, adere às formas geométricas e uma visão 2D, isto é, objetos atrás e à frente no desenho. Os desenhos são cenas de realidade;
5. Pseudo Naturalismo, na fase da Operação Abstrata (10 anos em diante), a criança desenha a figura humana com traços sexuais exagerados, as articulações estão presentes, há mais realismo e riqueza de detalhes.

Seguindo o raciocínio de Edith Derdyk (2003), artista plástica, educadora e ilustradora, quanto maior for o seu campo perceptivo, mais revelações gráficas irá obter, pois a agilidade e a transitoriedade natural do desenho acompanham a flexibilidade e a rapidez mental, numa integração entre os sentidos, a percepção e o pensamento.

O desenho como linguagem

[...]requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. (...). Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se" (DERDYK, 2003, p.24).

Sendo assim, o desenho também é um meio de incentivo de padronizações de estereótipos, pois pode acabar com a criatividade e a imaginação da criança, assim como prejudicar o seu modo de se comunicar através do desenho, pois dependendo da abordagem do professor, fará com a que a criança repita e copie, repercutindo negativamente em sua vida, nos momentos que exigirem respostas para algum problema ou situação, ela deixará também de se arriscar e passará a repetir, enfraquecendo seu potencial, o que tem a dizer.

Desta forma, o ato de desenhar é:

[...] um jogo que não exige companheiros, onde a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, "aprender a só ser". O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular (DERDYK, 2003,p.10).

Não há ideias iguais, pois não existe pessoa que conheça exatamente as mesmas coisas que outra, nem que interaja sempre da mesma forma, por isso, o desenho também é único.

O desenho para o adulto pode até ser uma atividade indecifrável, mas

[...] provavelmente para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório-motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas (DERDYK, 2003, p.10).

Os estágios do desenho não são imutáveis e não necessariamente a criança passará por todas as etapas.

A criança deve ter sim o apoio de um adulto, mas não repetir sem pensar, se desenvolver sem criticar, criar sem se expressar.

Com base na pesquisa feita em um dos livros "O desenho infantil" de Florence de Méredieu para compor um dos fundamentos desta pesquisa, os mitos da espontaneidade infantil e até que ponto a criança é condicionada pelo meio na arte infantil, diversos desenhos representam a personalidade da criança.

Ao tentar descrever o desenho da criança deve-se tomar cuidado em algumas armadilhas na interpretação, a preocupação em interpretar vem de uma visão ótica da psicologia, psicanalítica e envolve também outros meios de análise: Sociológica e estética; mesmo com incontáveis estudos e pesquisas, não se obteve um resultado, apenas fragmentos. O estudo detalhado sobre a importância do desenho diversifica as disciplinas tão distintas: Psicologia, Pedagogia e Sociologia.

As pesquisas feitas nos anos de 1880 á 1900 dão uma base da origem do progresso na área infantil, sendo analisada mediante as ideias de Rosseau, onde ele afirma que a pedagogia distingue as diferentes etapas na evolução do desenho da criança, incluindo o desenho no tratamento psicanalítico. Com este meio pode dar segmento no estudo estético da criança.

A criança no século XIX era condicionada a réplica do adulto, mas com o passar dos anos e de pesquisas, pode-se obter uma nova imagem da criança. Piaget, Luquet e Rosseau, demonstram o progresso da criança e abordam que elas não são a maquete do adulto e muito menos réplicas.

O autor Luquet (1969) traz dois exemplos de nível do vocabulário "realismo fracasso" ou de "realismo fortuito" que diferencia a criança entre a aparente confusão do desenho infantil a falta de atenção, através do desenho pode se ver uma série de etapas de uma futura visão adulta.

A criança mesmo não tendo uma visão artística, o mesmo se torna artista contemporâneo, pois se expressam com espontaneidade originária, o desenho demonstra forte características onde tem seus próprios traçados longe dos modelos habituais e modelos culturais.

3. O USO DO DESENHO PEDAGÓGICO

Considerando uma pesquisa-ação, ou seja, pensando em todos os envolvidos com o intuito de propor um outro olhar para o desenho infantil, procura-se mudar a concepção docente em relação à sua prática de utilização do desenho, de forma que contribua positivamente para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo infantil, isto é, como utilizar o desenho de forma pedagógica e lúdica na educação infantil?

O desenho é uma poderosa ferramenta de trabalho, pois o professor pode utilizá-lo de várias formas, como por exemplo, em uma avaliação diagnóstica, para verificar o nível de percepção e aprendizagem que o aluno se encontra e sua evolução ao longo do tempo. É possível avaliar o estágio de conhecimento dos alunos, como por exemplo saber se eles são capazes de definir/distinguir o sexo de cada personagem, saber se as crianças conseguiram saber a diferença dos tamanhos, identificar se a criança já sabe nomear as cores. É possível, logo ao iniciar o ano, pedir que a criança realize um desenho de sua família, assim é possível diagnosticar se a criança sabe diferenciar quem são seus pais e quem seus amigos.

Desta forma pode-se observar que o desenho é utilizado não como uma forma de distrair a criança, mas com o intuito pedagógico ao qual lhe é atribuído. A criança é avaliada pelo docente sem sofrer nenhum tipo de pressão, e estas anotações serão de grande utilidade ao professor em uma segunda avaliação diagnóstica, pois por meio dela poderá acompanhar a evolução da aprendizagem da criança e as possíveis intervenções que ela poderá fazer em sua metodologia, caso seja necessário.

O desenho quando aplicado pedagogicamente, pode contribuir muito para aprendizagem da criança, e é também por meio dele que o professor pode identificar certos traços de comportamento da criança. Por ser uma livre expressão da mesma, quando a criança é colocada diante de uma folha ou a qualquer outro suporte que ela possa utilizar para realizar seu desenho, sente-se livre, mesmo que muitas vezes de forma inconsciente para transmitir o que está sentindo. Por meio do desenho pode-se perceber alguma situação pela qual a criança esteja passando, por alguma dificuldade de aprendizado, e até mesmo observar se está sofrendo algum tipo de abuso, tanto na esfera sexual como verbal.

O desenho é uma expressão livre e espontânea da criança, segundo Jean Piaget, as crianças que se encontram nesta faixa etária de 0 a 5 anos desenharam pelo livre ato de desenhar, sem apresentar preocupação com formas ou a qualidade do desenho representado, pois é através dele que ela se expressa. Vygotsky (1988) ressalta que o desenho realizado pela criança é o registro do gesto, o processo de representação, no qual a criança percebe a possibilidade de representar graficamente o que se vê e o que se fala, configurando o desenho como precursor da escrita. Por esse motivo o docente deve ser o mediador neste processo, incentivando a criança a uma criação livre, pois além de desenvolver a escrita, o desenho desenvolve o lado motor e cognitivo da criança, e por ser uma atividade lúdica e divertida a criança executa com o maior prazer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das pesquisas e do referencial teórico utilizado nesse trabalho, percebe-se que a nomenclatura utilizada pelos autores é diferente, sendo etapas, fases, estágios, movimentos, enfim, porém todos entram em concordância quanto a evolução do desenho da criança, conforme seu próprio crescimento, ou seja, seu desenvolvimento como ser humano caminha junto com seu desenvolvimento no desenho.

Observa-se também que o desenho antecede o sistema de escrita, por isso, quanto mais a criança puder representar e transcrever no papel o que pensa, o que sente, o que vê, o que imagina,

mais ela estará preparada para se apropriar do sistema de escrita, se a criança não tem muita experiência nessa parte, conseqüentemente afetará seu desenvolvimento na escrita, que acarretará em problemas maiores no futuro.

Em virtude do que foi mencionado neste exposto, pode-se concluir que o desenho ainda não é utilizado de forma adequada nas redes de ensino. O ato de desenhar envolve muito além de um simples rabisco, nele estão contidas informações e aspectos importantes sobre o desenvolvimento da criança.

É necessário compreender que é no desenho que a criança encontra sua primeira forma de expressão, de se comunicar com o ambiente e com as pessoas que a cercam.

Quando a criança é introduzida no ambiente escolar, ela tem a possibilidade de explorar e aprimorar suas habilidades. O contato com outras crianças, além de proporcionar a socialização, deve proporcionar à criança que ela possa explorar criar, inventar, que possa ter sua liberdade de expressão valorizada.

O desenho, quando aplicado na escola com o intuito apenas de distrair a criança, leva-a a acreditar que ela está em uma segunda extensão de sua casa, e não em um ambiente socializador e produtor de conhecimento. Normalmente os familiares fazem isso em casa, pois diferentes dos professores, não possuem conhecimento pedagógico sobre desenho, e o usam apenas para distrair a criança.

Quando o docente percebe que o desenho é algo advindo do ambiente familiar, ele pode aliá-lo a sua prática educativa, pois assim está considerando o ambiente e o conhecimento prévio da criança. O desenho, como visto neste trabalho, pode ser usado de várias formas, como vimos anteriormente ele pode ser utilizado para realizar uma sondagem do conhecimento prévio do aluno, para perceber em que nível ele está no momento, e verificar sua progressão ao longo do ano.

Sendo assim, acredita-se que o preparo dos docentes deva contemplar cursos especializados na área do desenho, pois assim os docentes poderão de forma mais ampla utilizar esta ferramenta para proporcionar a criança uma aprendizagem significativa, que contenha sua realidade, aprimorando esse conhecimento. Quando o docente possui domínio do desenho, conhecendo seus estágios, e as formas como ele acontece, pode trabalhar em sua aula de forma interdisciplinar, fazendo com que a criança desenvolva seu lado artístico, estético, cultural, observador, com o intuito de sensibilizá-los e enriquecê-los de conhecimento para que explorem mais e criem mais.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou obter os conhecimentos necessários para a prática pedagógica em relação ao desenho infantil, possibilitando assim, que o docente compreenda a realidade da criança.

A visão dos adultos é diferente da visão das crianças, por este motivo não devem interferir no momento da arte infantil, com perguntas sobre o desenho ou tentar ensiná-las, esse ato pode inibir a criança, essa interferência pode afetar nas etapas do desenvolvimento da criança, é importante deixar e incentivar a criança a se descobrir sozinha, isso lhe traz confiança para evoluir. O adulto deve motivar e instigar a criança a se desenvolver, sem manipulá-la.

Cada estágio demonstra o grau de compreensão da criança com os acontecimentos que ocorre em sua volta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. Brasileira. MEC/SEF, 1997.

DERDYK, Edith. Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione. 2003.

LOWENFELD, Viktor. A criança e Sua Arte. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1976.

LUQUET, Georges Henri. O Desenho Infantil. Barcelona. Editora Porto Civilização, 1969.

MÈREDIEU. Florence de. O Desenho Infantil. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

MOREIRA, Ana Angelica Albano. O Espaço do Desenho: A Educação do Educador. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1987.

PIAGET, Jean. A Equilibração das Estruturas Cognitivas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

SILVA, Silvia Maria Cintra. Condições Sociais da Constituição do Desenho Infantil. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641998000200008&script=sci_abstract&tIng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2019.

VIGOTSKY, LEV SEMENOVICH. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

ZATZ, Lia. Aventura da escrita: História do desenho que virou letra. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002.



INFORMAÇÕES DOS AUTORES

Karina Silva Dantas é professora de Educação Infantil, formada em Pedagogia na Faculdade Sumaré em 2017, trabalha no CEI Ângela Maria Fernandes. karinasilvadantas@hotmail.com

Márcia Prado Castro é mestre Profissional em Ensino da Matemática, pós-graduada em Informática Aplicada à Educação e Planejamento, Implementação e Gestão de Educação à Distância, graduada em Matemática e professora das Faculdades Integradas Campos Salles. marcia.prado@superig.com.br

